

O NOME PRÓPRIO NA PSICOSE E SUA RELAÇÃO COM O SIGNIFICANTE LACANIANO E A ARBITRARIEDADE SAUSSURIANA

Elisângela Ferreira BARRETO (UFPB)

RESUMO: A partir da reflexão sobre a idéia de significante para psicanálise, de signo para a lingüística e o mecanismo da arbitrariedade saussuriana, trabalharemos o uso que o sujeito psicótico faz do significante e como na psicose a linguagem se constitui de maneira diferenciada a partir da estrutura. Para isso, analisaremos a constituição de maneira delirante do nome próprio na psicose, refletindo sobre o lugar que este pode ocupar para o sujeito psicótico a partir da concepção lacaniana do traço unário. E com isto analisar a questão da arbitrariedade na psicose.

RESUMÈE: À partir de la réflexion sur l'idée du signifiant pour la psychanalyse, de signe pour la linguistique et du mécanisme de la conduite arbitraire saussurienne, nous travaillerons l'utilisation que le sujet psychotique fait du signifiant et comme dans la psychose la langue se constitue de manière différenciée à partir de la structure. Pour cela, nous analyserons la constitution de manière délirante du nom propre dans la psychose, en penser la place que celui-ci peut occuper pour sujet psychotique à partir de la conception lacanienne de la trace unaire. Donc analyser la question de la conduite arbitraire dans la psychose.

1. Introdução

O encontro entre psicanalistas e lingüistas não é novo, o psicanalista francês Jacques Lacan o promoveu definitivamente. Leitor da obra de Freud, Lacan introduziu a idéia do inconsciente estruturado como uma linguagem a partir dos estudos a respeito da lingüística de Ferdinand Saussure. Lacan, através disto buscou criar ou descobrir uma gramática para o inconsciente utilizando-se da teoria de Saussure, principalmente.

Mesmo trabalhando com objetivos diferentes - psicanalistas com a linguagem do inconsciente - lingüistas com a coletividade da linguagem, as contribuições existentes entre estes campos do saber provocam um dialogo entre ambos e a psicose muito tem a convocar deste encontro.

Neste trabalho procurei abordar questões sobre o funcionamento da linguagem na psicose introduzindo temas importantes para Lingüística e Psicanálise tais como: a arbitrariedade do signo saussuriano e o uso do significante lacaniano. Tendo como pano de fundo o uso que o sujeito psicótico faz do nome próprio.

Este será o tema de minha dissertação de mestrado em letras, pela Universidade Federal da Paraíba e este trabalho é resultado do inicio de minhas pesquisas.

Trabalhar com a psicose pareceu-me um tema bastante relevante, pois traz á tona instigantes discussões, colocando lingüistas e psicanalistas a avançar mais sobre seus saberes. Em outros momentos, também os põe a pensar sobre o que escapa aos seus discursos que a psicose expõe através do uso que faz da linguagem.

Na psicose o funcionamento da linguagem é peculiar o uso do significante acontece de forma inflexiva, dando-lhe um estatuto de objeto, matéria fixa e imutável. A linguagem psicótica traz o inconsciente a céu aberto, nos explica Lacan. Fenômeno que insere o psicótico no uso de uma nova língua, singular. À deriva do laço social de uma linguagem construída pela coletividade, onde todos partilham uma língua mãe. O psicótico desabonado, apartado, órfão de uma língua materna, cria saídas possíveis, utilizando a linguagem que lhe é particular.

Este artigo pretende discutir na interface Lingüística e Psicanálise, o que propriamente na organização da linguagem psicótica possibilita este diferente uso do significante, utilizando de maneira ilustrativa o que acontece com o nome próprio na psicose. Nesta tentativa, convocamos o conceito saussuriano da arbitrariedade do signo lingüístico que acreditamos ser, por sua importância na constituição do sistema lingüístico, um conceito que distinguirá a diferente organização da linguagem entre as estruturas psíquicas: psicose e neurose.

2. A arbitrariedade do signo de Saussure e o significante de Lacan: Uma questão de sujeito.

Saussure designa por signo lingüístico a união entre: significado e significante – O significante que é o som, a imagem acústica nos termos saussurianos e o significado ou conceito, ambos indissociáveis. O signo lingüístico só existe na união de seus dois elementos, sendo um tão importante quanto outro.

Todavia, para Saussure o mais importante não está no signo lingüístico, e sim na idéia de que o signo deve ser estudado em relação ao seu funcionamento no sistema; ou dito de outro modo, a língua deve ser estudada de acordo com sua estrutura, portanto a idéia de sistema é primordial, onde os signos são os elementos deste sistema, e isoladamente não têm valor, mas pelo contrário, o valor do signo está dentro do sistema, sendo pelas diferenças e semelhanças entre os signos que isto acontece.

Saussure acredita também que a língua simboliza o mundo. Ou seja, é na língua que o mundo convencionou todos os códigos que o simbolizará, a partir do social que elegerá o signo, onde o conceito de arbitrariedade é essencial.

“... a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só criar um sistema lingüístico. A coletividade é necessária para estabelecer valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja”¹

Para Saussure, a arbitrariedade afeta o signo totalmente, a relação estabelecida entre conceito e imagem acústica, ou seja, significado e significante são constituídos de maneira arbitrária, o que quer dizer que não há relação preexistente entre eles, não há elo natural. A atribuição das palavras e seus conceitos se dá através do consenso social, através do tempo que permite sua incorporação e uso na língua, como também suas modificações.

“A palavra arbitrária requer também uma observação. Não deve dar a idéia de que o significado depende da livre escolha do que fala (...) queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade”²

Lacan encontra o conceito de significante em Saussure, todavia, para Lacan, o significante é primordial, modifica assim a idéia saussuriana, de que significante e significado não têm lugares fixos, são lados de uma mesma moeda, pois tendo a mesma importância, um reclama o outro. Para Lacan é diferente. Colocando fixamente o Significante em cima, com letra maiúscula, e o significado embaixo - (S/s), Lacan reserva o lugar importante de barra à “reta” colocada originalmente entre significado e significante, pelos editores do CLG. Garantindo com isto a impossibilidade de modificação entre os lugares do significante e significado e dando a primazia ao significante. Aponta assim de que linguagem trata - O inconsciente, que estruturado como uma linguagem se constitui por cadeias de significantes. Em um momento de reflexão, Lacan nos diz: “... *Um dia percebi que era difícil não entrar na Lingüística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto.*” (Lacan, 1975, pp. 25).

Lacan no decorrer de sua obra muitas vezes ensina a respeito do significante e suas articulações.

Para ele, “*um significante enquanto tal não significa nada*”. (Lacan, 1955, pp. 209). Com isto, podemos refletir que no significante lacaniano, como no saussuriano, não há intencionalidade de significado, na verdade, nos explica Quinet:

“O significado é outro significante, não existindo o significado fixo de nenhum significante, pois o significado pode remeter a outros (...) O inconsciente é constituído pelo desfilamento dos significantes que deslizam sem cessar não se detendo em significados”³.

Lacan no seminário da Identificação retoma Saussure, relata Quinet, (2006, pp. 91), frisando que um significante é tudo aquilo que os outros não são. É na diferença que a função de unidade do significante se constitui, portanto, um significante nunca é o mesmo, quando muda de lugar ou quando se repete em uma outra cadeia. Um significante não é idêntico a si próprio.

Esta idéia nos remete ao que Saussure nos ensina: “... *na língua só existem diferenças*” (CLG, pp. 139) Explicando ainda que o importante não é o som em si, mas as diferenças entre estes sons que permitem a distinção entre eles. Neste ponto Lingüística e Psicanálise se encontram, pois para ambos o significante/signo se define por sua relação diferencial.

Contudo, o significante lacaniano não é o de Saussure. Segundo Freire, (1999, pp. 5) o ponto de diferença entre Lingüística e Psicanálise no que se refere ao significante está no fato de que para a Psicanálise, o significante como elemento diacrítico e, portanto diferencial se define para um sujeito. Este significante definido por Lacan, (1955 pp. 209) como o que “*não quer significar nada*”, só tem efeito de

¹ SAUSSURE, Ferdinand. (s.d.). **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo. 1916, pp. 132

² SAUSSURE, Ferdinand. (s.d.). **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo. 1916, pp. 83.

³ QUINET, Antonio. **A Descoberta do Inconsciente**. Rio de Janeiro, 2000, pp. 30

sentido, para aquele que, como seu produto (sujeito como produto da linguagem), não forma com esta mesma linguagem um todo de significação ou de identidade em si.

Com isto o significante da Psicanálise, aponta para a questão do sujeito e o funcionamento do inconsciente como uma linguagem, constituída por cadeias de significantes.

É então no “*desfilamento dos significantes*” que constituem a cadeia do inconsciente que o sujeito se apresenta, atrelado ao significante para representar-se para outro significante, sendo o sujeito efeito disto. Sobre isto afirma Freire:

“O sujeito só se faz representar por definição no intervalo de um significante a outro e, portanto, não por um elemento que o represente em sua integridade, mas no desaparecimento do que vem a ser o seu ser, desaparecimento que o possibilita se representar.”⁴

O Sujeito em Psicanálise é não identificável, todavia sujeito a identificação, ou melhor, várias identificações. O sujeito na Psicanálise é dividido, a respeito do desejo, sexo e da castração, que se constituem para o sujeito a partir de um vazio, uma falta. “*Um falta-a-ser, falta constitutiva do desejo de ser e de ter aquilo que jamais terá e jamais será.*” (Quinet, 2000, pp.15).

Freire, (1999, pp.4) explica que a linguagem tratada por Lacan é uma estrutura que em seu interior algo além da simbolização, ou melhor, o que é impossível de ser simbolizado, se apresenta. Entramos assim no campo pulsional, onde a linguagem toca o objeto através do simbólico, pela via do significante, tendo este o caráter irredutível de simbolização. Freud (1835), no artigo - *Projeto para uma psicologia científica* nos ensina:

“É apenas quando a energia que visa puramente à descarga é barrada, que o sujeito surge como eu(s), como trilhamento ou representações daquilo mesmo que constitui a efetividade do seu movimento não possibilitando, portanto, cerca-lo em um sistema fechado”⁵.

Aqui, Freud aponta a impossibilidade de um totalizador significativo, onde a totalidade e uma identidade em si fossem garantidas pela simbolização. Isto será o alicerce ao pensamento lacaniano sobre o significante.

Para Lacan, o sujeito dividido se localiza no intervalo faltoso entre um significante para outro significante e ao mesmo tempo não sendo possível a este intervalo estrutural, (S1 – S2), representar o sujeito como uma totalidade. Isto aparecerá nos fenômenos de linguagem do inconsciente.

Porém ao introduzir a questão do sujeito na Psicanálise, Lacan não se afasta da lingüística, todavia especifica seu objeto de estudo. A psicanálise lacaniana continua a falar sobre o funcionamento de uma linguagem, a linguagem do inconsciente. Embora com olhares diferentes, para objetos diferentes, psicanálise e lingüística se interessam por um mesmo tema: a linguagem.

3. O Significante na Psicose

A idéia lacaniana de uma primazia do significante repousa no dado primordial de que o sujeito é constituído como tal, pela linguagem, cujo esteio central desta tese é a metáfora do Nome-do-Pai, significante instaurador da lei, ordenador e nomeador, onde se funda a cadeia significante, inserindo o sujeito no simbólico.

A relação do psicótico com o simbólico, será singular, diferente em relação à neurose que acontece pela via do interdito pelo Nome-do-Pai. Esta interdição é feita a certo conteúdo impedindo-o de aparecer na consciência. Sendo assim, este conteúdo interditado, ou nos termos freudianos, recalcado, aparecerá de maneira disfarçada, o que chamamos de retorno do recalcado, como, por exemplo: no sintoma. Segundo Lemaire, (1985, pp.284) o que possibilita este retorno do recalcado é o fato do sujeito neurótico ter reconhecido, em certo momento, o elemento recalcado como existente e seu significante ser simbolizado.

Na psicose acontece o mecanismo, que Lacan chamou de foraclusão do Nome-do-Pai, sendo este anterior a qualquer possibilidade de recalque, que para se realizar, exige que antes tenha havido um reconhecimento do elemento a ser recalcado. A foraclusão segundo Solal Rabinovich, consiste em: “... em expulsar alguém para fora das leis da linguagem.”⁶

⁴ FREIRE, Ana Beatriz. **Considerações sobre a letra: a psicose em questão.**: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279721999000300003&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 15/07/2006

⁵ FREUD, 1835 apud FREIRE, Ana Beatriz. **Considerações sobre a letra: a psicose em questão.**: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279721999000300003&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 15/07/2006

⁶ RABINOVICH, Solal. **A foraclusão - Presos do lado de fora**, Rio de Janeiro, 2001, pp.35.

Segundo Ramirez, (2004) uma dupla falta se instala com a foraclusão do Nome-do-Pai, a de um significante (o nome-do-pai) que simbolicamente funda esse lugar; e a do próprio lugar, como vazio, faltante, pela ausência de significante que dê conta. É este vazio que ordena e representa toda a cadeia de significantes marcando que o significante não pode dizer tudo.

“É porque falta esse lugar que tudo não pode ser dito (...) o sujeito entra para a linguagem pelo fato de que é impossível dizer tudo. O sujeito da psicose também está na linguagem, mas não pode usá-la, como o neurótico, porque falta o vazio lugar ordenador, pois o primeiro significante foi abolido e todos os outros não representam mais nada.”⁷

Há uma primazia do significante na linguagem do psicótico, numa redução da palavra ao seu ponto de materialidade, renomeando as coisas, unindo a coisa ao nome, sem diferenciações, as coisas são as palavras, que se confundem, afetam e invadem o corpo. “*Se o neurótico habita a linguagem o psicótico é habitado, possuído pela linguagem.*” nos dizia Lacan. (Lacan, 1955 - pp. 284).

Como descreve Branco (1993), na psicose há um processo “*coisal*” da redução da palavra ao seu ponto material, em seu livro ela exemplifica utilizando a fala da poetisa portuguesa Gabriella Llansol:

“A língua é uma impostura. Mas é possível em algum momento, atingir a linguagem, a língua sem impostura. É isso o que o meu texto quer. Quando me perguntaram se escrevo ficção, tenho vontade de rir. Ficção? Personagens que acordam, dormem, comem? Não, não tenho nada a ver com isso. Para mim não há metáforas. Uma coisa é ou não é. Não existe o como se. O que escrevo é uma só narrativa, que vou partindo aos pedaços”⁸

A lógica fálica não existe na psicose, por causa da foraclusão do significante Nome-do-Pai, que impede que o psicótico possa se situar na partilha dos sexos. Assim no discurso psicótico sem o artifício da significação fálica, os significantes aparecem desarticulados e cada palavra carregada por sua consistência e materialidade, fica impossibilitada de circular nas significações de uma cadeia. Por isso o psicótico não suporta o não sentido, a impossibilidade de o significante dizer tudo, a alternância dos significantes na linguagem.

Assim os sentidos estão fixados no significante, ambos estão colados, são a mesma coisa, sem haver encadeamento, os significantes são sempre significantes mestres (S1- S1- S1...), que se apresentam na cadeia sem articulação uns com os outros, e que aparecem muitas vezes como algo exterior. Segundo Meyer, (2004, pp.114), a relação particular que o psicótico faz com a linguagem por causa da não-inscrição do significante que funda a cadeia determina que este retorne no real como, por exemplo, numa frase interrompida ou num neologismo. Não se inscrevendo no simbólico e retornando no real o sujeito o percebe como algo exterior a ele, vindo de fora, do Outro.

“O psicótico é um mártir do inconsciente, dando ao termo mártir seu sentido, que é o de testemunhar. Trata-se de um testemunho aberto. O neurótico também é uma testemunha da existência do inconsciente, ele dá um testemunho encoberto que é preciso decifrar. O psicótico, no sentido em que ele é, numa primeira aproximação, testemunha aberta, parece fixado, imobilizado, numa posição que o coloca sem condições de restaurar autenticamente o sentido do que ele testemunha e de partilhá-lo no discurso dos outros.”⁹

4. O traço unário e o nome próprio: que arbitrariedade na psicose?

É o significante do Nome-do-Pai, o S2, aquele que possibilita a relativização do significante mestre, S1. Na fórmula (DM/NP), desejo da mãe barrado pelo Nome-do-Pai, o neurótico entra na linguagem, submetido ao desfile dos significantes, metonimizadas, as palavras carregadas de sentidos variados, não contêm nenhum sentido fixo. Pois, com o desejo da mãe relativizado, ou melhor, barrado, pela operação da metáfora paterna, é introduzido outros significantes a cadeia, o S2, que será sempre um sentido que poderá ser dado a um S1, (S1- S2 - S2 - S2 -...).

Assim, o neurótico poderá se identificar aos vários S1 sem estar completamente em nenhum deles. Pois, o desejo da mãe que é sempre enigmático ao neurótico, não recobre o ser do sujeito, como falamos anteriormente, a falta-a-ser do sujeito, se representa no intervalo de um S1 para um S2, podendo um sujeito assumir vários nomes que digam dele, de maneira sempre incompleta.

Na psicose com o S2 foracluído, o S1, significante mestre, nomeador, fica sem relativização. Segundo, Colette Soler, (citada por Quinet, 2006), na paranóia haveria uma fixação no desejo da mãe, devido à

⁷ RAMIREZ, Heloisa Helena Aragão e. **Sobre a metáfora paterna e a foraclusão do nome do pai: uma introdução**

<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/420/42000308.pdf> Acesso em:08/10/2006

⁸ LLANSOL, G. apud BRANCO, L.C. **Coisa de Louco**. Minas Gerais, 1998, pp. 62.

⁹ LACAN, J. O Seminário livro 3, **As psicoses**. Rio de Janeiro, 1955-56 p. 153.

foraclusão do Nome-do-Pai, (DM/x). Essa tese fará supor que na paranóia haverá uma primeira simbolização que incidirá numa alienação ao significante mestre vindo do Outro materno. O paranóico é o Um da referência. Pois na paranóia o significante–mestre, esta submetido à operação de retenção, termo utilizado por Lacan, e criado por Kreschmer. Lacan explica:

“Todos os significantes estão referidos a esse Um retido, (...) O sujeito paranóico se encontra retido por esse Um que não o deixa, e a partir do qual ele entra em relação com os outros.”¹⁰

Esse Um Lacan articulou ao longo de seu ensino ao traço unário, que quer dizer um traço identificatório, uma marca da diferença, que distingue o sujeito dos demais. Um traço único de exceção, que é um S1 e na psicose fica retido. Este traço sendo fixo para o psicótico aparece sem significação qualquer, no real, como por exemplo, no caso Schreber que ouvia: “*Luder*”, (puta), significante sem sentido que posteriormente pela via do delírio Schreber dará significação.

“(…) como marca, como traço, como S₁ que não se dirige a S₂ e, portanto, não foi acrescido de um decifrado, de um saber, ficando numa perspectiva de signo, de cifra indecifrável. Essa é a dimensão do Real (...)”

Tendo em vista que na paranóia o S1 esta retido no sujeito paranóico, e aqui marco que o traço unário também é um S1, tomaremos a questão do nome próprio na paranóia.

O sujeito muitas vezes a partir de sua construção delirante se nomeia e seu nome muito mais do que nomeação trará sua marca identificatória, unária. Isto só é possível pensar porque na psicose um significante não esta para outro significante, e não havendo este intervalo (S1 – S2), como o sujeito neurótico que por definição se representa dividido nos intervalos da cadeia de significantes, na psicose aparece na certeza do nome, pois as palavras são as coisas.

Segundo Lacan, (apud Freire, 1999, pp. 10) “*a loucura é a crença que um sujeito tem em seu nome próprio*”. O sujeito que crê em seu nome não reconhece o mundo da linguagem a partir da diferença, na sua linguagem sem equívocos ele é a materialização de seu próprio nome, podendo a partir deste construir toda sua realidade, sua missão, seu ser.

“Trata-se de um sujeito que vive em um mundo onde o real aponta para a certeza do nome no sentido literal, aquele que não se define por diferença em relação aos outros, mas na sua certeza literal de ser único, traço singular, sem qualidade, porém com usufruto e erotização fixas idêntico a si mesmo.”¹¹

Esta maneira particular do funcionamento do significante na psicose, exemplificada pelo nome próprio, aponta que em cada estrutura psíquica a maneira como se organiza a linguagem é diferente. A psicanálise ao deter seu olhar sobre o sujeito procura explicar como este se constitui a partir da linguagem.

Entretanto, entendemos que a lingüística dispõe de ferramentas para explicar como se organiza a estrutura que fundamenta o sistema da linguagem, dito de outra maneira, é com a lingüística que podemos explicar como os signos se comportam no sistema da língua. Neste trabalho especificamente, escolhemos a arbitrariedade para isto.

E neste aspecto parece que o conceito de arbitrariedade nos serve para explicar como se construiu a organização dos signos lingüísticos em cada estrutura psíquica. Ou seja, como se deu a relação no interior do signo lingüístico, entre significante e significado e na exterioridade do signo, no sistema, provocando a arrumação da linguagem.

Acreditando que a escolha contingente de cada sujeito, em relação a sua entrada no simbólico e posteriormente ao uso que fará da linguagem, poderá ser evidenciada através da maneira como se comporta a arbitrariedade do signo na linguagem de cada sujeito. Considerando, a linguagem como uma atividade subjetiva que se apresenta na coletividade.

Pensando nisto, poderíamos afirmar que a utilização que o sujeito fará da linguagem terá relação na maneira como este se representará, sendo isto, efeito de sua escolha estrutural inconsciente.

Como no exemplo do nome próprio, onde na psicose mais que nomeação, o nome diz do ser do sujeito realmente, o que não acontece na neurose, onde o nome do sujeito nomeia, entretanto não consegue abarcar totalmente o que é do ser de cada um, por este sempre aparecer em falta.

Ao falarmos de escolha do sujeito, mesmo que inconsciente como relacionar a arbitrariedade de Saussure, afinal se é escolha não é arbitrário, é natural? Tentando responder esta questão algumas outras foram suscitadas neste breve estudo, tais como:

Poderíamos pensar que a maneira como se organiza a estrutura da linguagem, levando em consideração a arbitrariedade do signo lingüístico, como conceito base da teoria lingüística de Saussure, seria uma condição da estrutura psíquica do sujeito? No sentido de que o sujeito poderá dispor deste fundamento a

¹⁰ QUINET, Antonio. **Psicose e Laço social – Esquizofrenia, Paranóia e Melancolia**, Rio de Janeiro, 2006, pp.94.

¹¹ FREIRE, Ana Beatriz. **Considerações sobre a letra: a psicose em questão.**

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279721999000300003&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 15/07/2006

partir da maneira como entra na linguagem de maneira diferenciada? E se assim for e a linguagem do psicótico como estaria organizada a partir do conceito saussuriano fundamental de arbitrariedade?

5. Referências bibliográficas

BRANCO, Lúcia Castello, Coisa de Louco, Minas Gerais: Ed. Universitária, 1998.

LACAN, Jacques, *O seminário. Livro 20: Mais, ainda*, Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1982 (Trabalho original publicado em 1975)

_____. *O seminário. Livro 3: As psicoses*, Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1992 (Trabalho original publicado em 1955-1956)

_____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose, In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1958).

LEMAIRE, Anika. Jacques Lacan: uma introdução, Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1985.

FREIRE, Ana Beatriz. Considerações sobre a letra: a psicose em questão.:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279721999000300003&lng=pt&nrm=iso
Acesso em: 15/07/2006

MEYER, Gabriela Rinaldi. Sujeito e Psicose http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20041213115156.pdf?PHPSESSID=5753b71155ccfa94c7276da8668d431e Acesso em: 01/11/2006

MOURÃO, Arlete. Amor à Letra. <http://www.congressodeconvergencia.com/21-2-AMOR%20%20C0%20%20LETRA-portugues.htm> Acesso em: 31/10/2006

QUINET, Antonio. Psicose e Laço social – Esquizofrenia, Paranoia e Melancolia, Rio de Janeiro, Zahar Editora, 2006.

_____. *A descoberta do Inconsciente*, Rio de Janeiro, Zahar Editora, 2000.

RAMIREZ, Heloisa Helena Aragão e. Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome do pai: uma introdução <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/420/42000308.pdf> Acesso em: 08/10/2006

SAUSSURE, Ferdinand. (s.d.). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Ed. Cultrix (Original publicado em 1916)